

INFLUENZA AVIÁRIA – GRAVE AMEAÇA PARA A AVICULTURA BRASILEIRA E PARA A POPULAÇÃO

Devido a capacidade de mutação genética, o risco para humanos está sempre presente e é preocupante desde que a gripe espanhola matou mais de vinte milhões de pessoas em 1918.

INFLUENZA AVIÁRIA

Ariel Antonio Mendes, professor titular da FMVZ/UNESP de Botucatu e Diretor Técnico da ABPA.

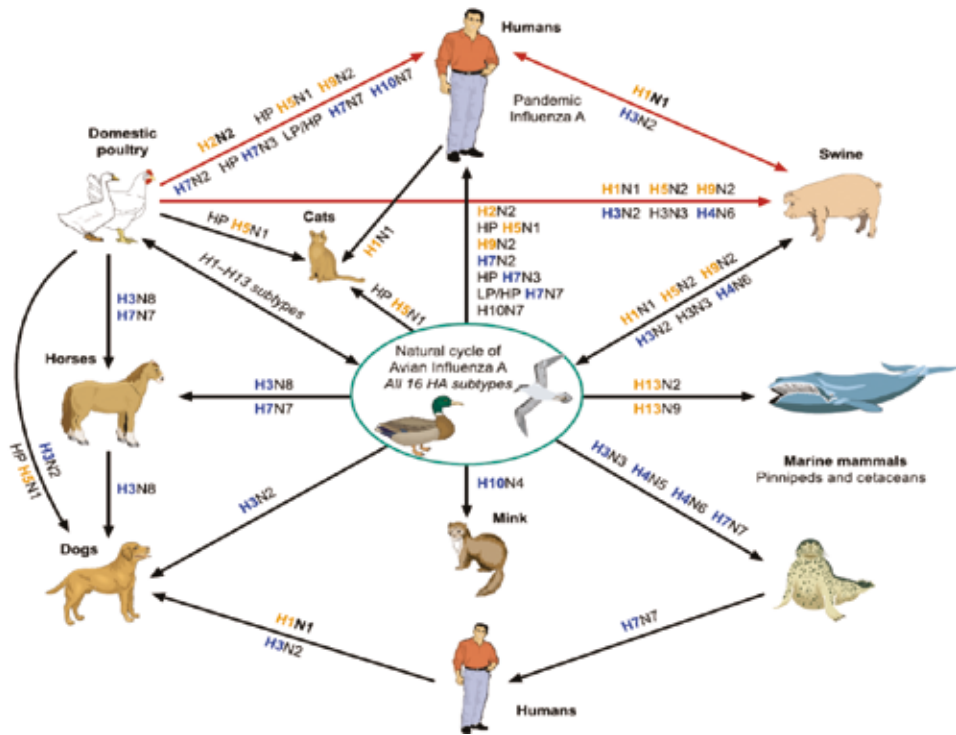
CRMV 1002 - ariel.mendes@abpa-br.org

ETIOLOGIA

A Influenza Aviária é uma infecção das aves causada por um Orthomixovirus do gênero *Influenzavirus* tipo A, que pode lesar o trato respiratório, entérico, reprodutivo e nervoso das aves domésticas, aquáticas e silvestres. Os sinais clínicos, quando presentes, são espirro, tosse, congestionamento dos seios nasais, depressão e diarreia. A OIE – Organização Mundial de Saúde Animal classifica os vírus de Influenza como sendo de baixa e de alta patogenicidade, sendo que muitas vezes os de baixa patogenicidade podem transformar-se nos de alta patogenicidade e, por isso, todos os tipos de vírus H5 e H7 de baixa patogenicidade também são de notificação obrigatória. Quando ocorre um surto com vírus de alta patogenicidade, os

sinais clínicos são intensificados aparecendo hemorragias na barbela, crista, patas e na serosa dos órgãos internos, acrescidos de sinais nervosos. A mortalidade pode atingir a 100% das aves infectadas.

Além das aves, alguns subtipos também infectam suínos, equinos e humanos. Devido a capacidade de mutação genética, o risco para humanos está sempre presente e é preocupante desde que a gripe espanhola matou mais de vinte milhões de pessoas em 1918. Mas, geralmente, os casos em humanos não são do tipo A, sendo que a única exceção foram os casos ocorridos na China com vírus H5N1 que afetaram inicialmente aves e causaram letalidade de 65% em humanos.



Como as aves aquáticas e silvestres podem ser reservatórios saudáveis, as aves migratórias jogam um papel importante na disseminação do vírus. No nível local, a transmissão entre as aves ocorre por contato direto com secreções de aves infectadas, especialmente com as fezes ou por meio de alimentos, animais, água, equipamentos e roupas contaminadas. A transmissão entre granjas se dá por meio do trânsito de aves vivas, pessoas, veículos e animais. O período de infecção é de 1 a 3 dias em uma ave, mas dentro de uma população ou lote pode chegar até a 14 dias. O vírus não é muito resistente às condições físicas do meio ambiente mas em condições de baixas temperaturas pode sobreviver por longos períodos. O diagnóstico é realizado por meio de testes moleculares (PCR) e sorológicos (ELISA e AGP) e pelo isolamento viral. O diagnóstico diferencial deve ser feito com cólera aviária, doença de Newcastle e enfermidades respiratórias, principalmente laringotraqueíte infecciosa.

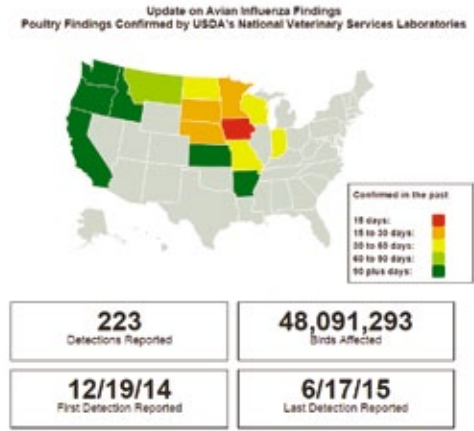
OCORRÊNCIAS

Os vírus de Influenza do tipo A estão presentes em todos os continentes. Focos com vírus de alta e baixa

patogenicidade ocorreram nos últimos 20 anos na Ásia, Europa e América do Norte. Boa parte deles estiveram relacionados com a presença de aves aquáticas e migratórias na região. A prevalência dos surtos tem sido de vírus dos tipos H5N1, H5N8, H2N2, H7N1, H7N7, H9N2, H7N3, H7N4, H5N2 e H5N9. Muitas vezes, os surtos de Influenza Aviária se iniciam com infecções por vírus de baixa patogenicidade que, com o decorrer do tempo, se tornam de alta patogenicidade devido a passagens sucessivas em aves susceptíveis, como ocorreu na Pensilvânia em 1983, no México em 1994 e 1995, na China em 1995 e na Itália em 1999 e 2000. Recentemente, ocorreram surtos na Europa com vírus H5N8 na Alemanha, Holanda e Reino Unido em frangos e perus, mas aparentemente a origem foi com aves migratórias procedentes da Ásia. O México sofreu pesadas perdas econômicas em 2012 e 2013 com o sacrifício de quase trinta milhões de poedeiras e reprodutoras devido a infecção com vírus H7N3 de alta patogenicidade, enquanto que o vírus H5N2, de baixa patogenicidade, é endêmico no país desde os anos noventa.



Grupos de atendimento a emergências, treinados e equipados, são fundamentais para a erradicação de focos



Track 2015 avian influenza outbreaks in North America

An interactive map tracking bird flu cases in North America to help poultry growers, producers and farmers monitor breaking US avian influenza outbreaks



No momento, a maior preocupação é com os surtos de H5N2 nos Estados Unidos que tiveram início em dezembro de 2014 e que já resultaram no sacrifício de 48 milhões de poedeiras e perus para conter os mais de 223 focos e isolamentos ocorridos em vários estados, com predominância em Iowa e Minnesota.

CONTROLE

Como não há tratamento eficaz contra o vírus da Influenza, a única medida de controle efetiva é o sacrifício das aves afetadas, restrições do trânsito de aves vivas e pessoas e o despovoamento das granjas na região do foco. E isso deve ser feito mesmo no caso de vírus de baixa patogenicidade. O uso de vacinas não é eficaz pela capacidade de mutação do vírus, mas podem ser utilizadas para a contenção de focos vacinando-se aves na região. A prevenção é feita com rigorosas medidas de biossegurança nas granjas e evitando-se o contato de aves aquáticas, marinhas e silvestres com aves comerciais.

MEDIDAS DE PREVENÇÃO ADOTADAS NO BRASIL

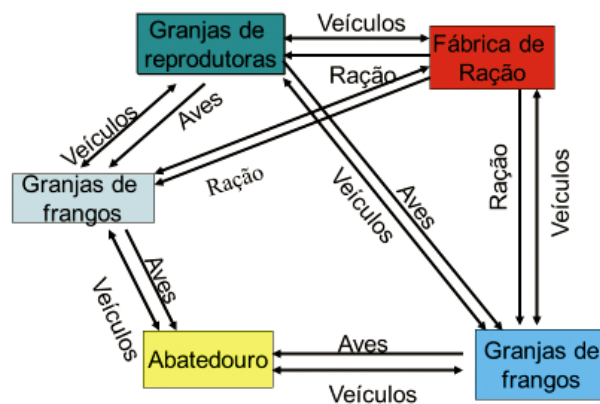
O Brasil é um dos poucos grandes produtores avícolas livres da enfermidade e a entrada do vírus no país teria um impacto econômico muito grande, uma vez que somos o terceiro maior produtor e o maior exportador mundial de carne de frango que é exportada para 157 países, e que gera uma receita de 9 bilhões de dólares anuais. Além dos gastos com o sacrifício de aves e as perdas com os produtos não exportados haveria um impacto em toda a cadeia de produção, afetando a produção de grãos, indústria de vacinas e medicamentos, insumos para rações, e de equipamentos para granjas e abatedouros. Por isso, desde a ocorrência de um surto de H7N3 no Chile em 2002 foram adotadas severas medidas de prevenção no Brasil como a implementação de um programa de prevenção que contempla o cadastro georeferenciado das granjas avícolas, telamento de galpões, controle de bagagens em portos, aeroportos e postos de fronteiras, vigilância soropidemiológica em sítios de hibernação de aves migratórias e na avicultura familiar e industrial. O material genético importado sofre rigoroso controle na entrada e as aves ornamentais devem passar por quarentena antes de sua internalização no país. Além disso, o Ministério da Agricultura elaborou um plano de contingência para aplicação em caso de aparecimento de focos, e os principais estados produtores tem grupos treinados para sua erradicação. A capacidade de diagnóstico do país foi aumentada e os veterinários que atuam em avicultura foram treinados para diagnosticar a enfermidade.

PROGRAMA DE COMPARTIMENTAÇÃO

Como o vírus da Influenza Aviária não respeita fronteiras geográficas, a OIE definiu regras para o estabelecimento de compartimentos avícolas a fim de preservar o comércio internacional na eventualidade da ocorrência da enfermidade num país, zona ou região. Tão logo a legislação foi publicada, o Brasil candidatou-se para sediar o projeto piloto, sendo duas operações para produção de carne de frangos e um para material genético. Este projeto



COMPARTIMENTO



foi acompanhado pelos técnicos da OIE e, no momento, as três empresas aguardam apenas a auditoria final do Ministério da Agricultura para que formalmente os programas sejam cancelados.

No caso da produção de carne, o compartimento prevê medidas de biossegurança e o isolamento das granjas de matrizes, incubatório, fábrica de rações, abatedouro e granjas de frangos de tal maneira que, até mesmo na eventualidade da presença do vírus na região, o mesmo não terá contato com as aves. O programa se baseia em análise de risco e na monitoria nos diferentes segmentos da cadeia de maneira a permitir que o Ministério da Agricultura ateste que os produtos produzidos no compartimento são seguros.



ABPA - Associação Brasileira de Proteína Animal
Brazilian Association of Animal Protein
Fone: 55 (11) 3095-3120 | 55 (11) 3095-3138